

## **RADICALIZAÇÃO E QUESTIONAMENTO DO HUMANISMO NO CONTO “AS MÃOS DOS PRETOS” DE LUÍS BERNARDO HONWANA**

**Ronaldo Bispo dos Santos<sup>1</sup>**

**Resumo:** O presente artigo analisa o conto As Mãos dos Pretos, do escritor Moçambicano Luís Bernardo Honwana. Nosso objetivo é construir uma possível leitura de radicalização e questionamento do humanismo ocidental a partir do conto. A medida em que o humanismo moderno se pauta pelos pilares da igualdade e da liberdade, interpretamos uma possível leitura crítica dos termos analisado.

**Palavras-chave:** humanismo; liberdade; igualdade; racismo; negritude.

## **RADICALIZATION AND QUESTIONING OF HUMANISM IN THE SHORT STORY 'THE HANDS OF THE BLACKS' BY LUÍS BERNARDO HONWANA**

**Abstract:** This article analyzes the short story 'The Hands of the Blacks' by Mozambican writer Luís Bernardo Honwana. Our objective is to construct a possible interpretation of radicalization and questioning of the Western humanism within the story. As modern humanism is guided by the principles of equality and freedom, we interpret a potential critical reading of the terms analyzed.

**Keywords:** humanism; freedom; equality; racism; blackness.

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma análise do conto “As Mãos dos Pretos”, do moçambicano Luís Bernardo Honwana. É um dos sete contos presentes o livro *Nós Matamos o Cão Tinhoso* publicado em 1964. Vale lembrar que seu contexto de escrita e publicação está inserido dentro do período de luta anticolonial vivido no país, à época, colônia portuguesa que somente veria seu fim em 1975. Portanto, o livro insere-se como um lugar de luta, não se trata apenas de uma literatura interessada pela estética, uma forma, ela é ao mesmo tempo, um meio de fazer política. Engajado tanto literariamente, quanto politicamente, Luís Bernardo Honwana parece mobilizar e questionar conceitos centrais formulados no seio da modernidade ocidental. Se tivermos em mente que o universalismo humanista e as noções de liberdade e a igualdade são os grandes pilares da modernidade ocidental, o conto se apresenta como um questionamento da noção de diferença concebida pelos homens, isto é, o conto amplia e propõe uma reflexão questionadora sobre as práticas atravessadas pelo racismo onde a lógica da cor da pele faria alguns homens serem naturalmente mais qualificados pelo subjulgamento do outro, o que nos levaria a uma conclusão fatídica de que os valores apontados dentro do humanismo universalista não se efetivaram na relação racial com os negros.

Em seu *Discurso Sobre o Colonialismo* (1978), Aimé de Césaire parece evocar uma imagem aterradora do europeu burguês distinto, humanista e cristão do século XX, segundo suas palavras,

O que (*o homem branco*) não perdoa a Hitler não é crime em si, o crime contra o homem, não é a humilhação do homem em si, é o crime contra o homem branco, a humilhação do homem branco e o ter aplicado à Europa os processos colonialistas a que até aqui só os árabes da Argélia, os ‘coolies’ da Índia e os negros de África estavam subordinados. (1978, p. 18) *Grifo nosso*

Essa imagem histórica tem seu sentido quando observamos as relações entre colonização e racismo. Embora a colonização nas Américas tenha se efetuado por meio de um exercício catequizador, ainda que muito humanista, de lavar a evangelização ao outro – então, primitivo – sem as considerações raciais do projeto

em África de neocolonização, o pano de fundo que justifica as diferentes formas de colonização é o domínio, a exploração e a subalternidade entre o *Eu* e o *Outro*.

Se a colonização na América tinha a autorização do domínio religioso, a finalidade foi o domínio e a exploração econômica, a colonização em África não fugiu aos interesses econômicos da Europa, ela coincide com a independência das Américas e com o início da Segunda Revolução Industrial, ou como bem definiu Traumann e Mendes, “O chamado ‘continente negro’ era visto pela burguesia industrial em ascendência como um rico manancial de matérias-primas e recursos naturais a céu aberto, esperando apenas por serem exploradas” (TRAUMANN, A.; MENDES, F., 2015, P. 256). Todavia o conhecimento e, conseqüentemente, as justificativas religiosas não tinham o mesmo poder de autorização, a partir do século XVIII e por todo o século XIX, a ciência tinha autoridade do saber, então é a partir da ciência que emergiam as novas *verdades*. A partir das pseudociências – à época tidas como verdadeiras – o conceito de raça no seu assento biológico classificaria os homens de acordo com sua origem biológica representada pela cor da pele. Assim sendo, um aspecto não mudou, o europeu continuava vendo o mundo por meio de uma relação domínio, exploração e subalternidade entre o *Eu* e o *Outro*, só que agora, ele não levava mais a *palavra e a providência divina*, ele portava a o progresso científico.

Por esse motivo nos convém interpretar que o conto “As Mãos dos Pretos” é, antes de qualquer coisa, uma radicalização e questionamento do humanismo e seus valores quando posto de frente com os termos da Europa Ocidental. O conto parece jogar com os valores desses termos ocidentais sem, ao final, atribuir importância de definição das respostas. É como se quisesse mostrar que todo o discurso humanista e igualitário coubesse apenas na parede das abstrações bem-intencionadas, mas na prática, o único igual mesmo é o homem branco, como mostramos em Césaire mais acima. Ao que nos parece, a obstinada pergunta da criança de querer saber “por que as mãos dos pretos são brancas?” não quer calar, nem com as diferentes respostas. A pergunta, inclusive, aquela que faz o conto ter o seu sentido, parece não cessar pela satisfação da resposta, mas porque outras estranhezas como ver a mãe chorar de rir sem que alguém tivesse lhe batido ou o futebol na rua lhe atraem mais. O conto tem

outras questões que são igualmente importantes já apontadas por outros autores e que serão levantadas no decorrer do texto, todavia, essa possível radicalização e questionamento do humanismo nos termos da Europa ocidental é o que nos intriga.

## PEQUENA DISCUSSÃO HISTÓRICA SOBRE O HUMANISMO

Em 1948, em virtude dos horrores da Segunda Guerra Mundial e das práticas nazistas nos campos de concentração espalhados pela Europa, é proclamada a Declaração Universal dos Direitos Humanos onde reconhece-se fundamentalmente a *dignidade humana* e traz em seu primeiro artigo a seguinte sentença, “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade”<sup>2</sup>.

A declaração não aparece como uma resposta exclusiva e imediata à Segunda Guerra Mundial, os valores contidos dentro da *Declaração* já vinham sendo gestados desde o fim da Idade Média. Ainda no século XIV, Giovanni Pico, por exemplo, escreve o Discurso pela Dignidade do Homem (2015) e nele identifica a condição humana como inacabada e imperfeita, distinta “(...) dos animais, desde o início, já trazem a programação do que serão no futuro, e os espíritos superiores, desde o início, já são aquilo que serão por toda a eternidade” (WEYNE, B. C. 2013, p. 218). Diante da condição, apontar para os processos de imanência humana – diverso ao processo de transcendência na fonte divina, ou seja, “de origem externa, heterônoma, dependente, fundada num reflexo da imagem divina sobre o homem” (Idem, p. 219) – aponta-se para a capacidade humana de aperfeiçoamento e livre consentimento, produzindo assim, a exaltação do ser humano (Idem). Esse pequeno conjunto de ideias por si só ilustra as pequenas rupturas com o teocentrismo da Idade Média e registra valores humanistas adotados na Idade Moderna.

---

<sup>2</sup> ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, 1948. Disponível em [https://www.ohchr.org/sites/default/files/UDHR/Documents/UDHR\\_Translations/por.pdf](https://www.ohchr.org/sites/default/files/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf) Acesso em: 30 ago 2022.

Mais tardiamente, no século XVIII, o Iluminismo na filosofia trará consigo o advento da autodeterminação humana. Isto é, tendo a razão como elemento intrínseco à capacidade humana de julgamento moral, encontrar nas luzes e no esclarecimento as leis morais que emancipariam o homem, o discernimento daquilo que seria a coisa em si e daquilo que seria fenômeno, o século das luzes apresentou-se como um projeto capaz de oferecer ao homem a partir do entendimento sua maioridade, autonomia e liberdade. Nas palavras de Érico Andrade

A imagem do mecanicismo como o espelho da natureza é transferida pela filosofia à história na forma do humanismo, que traduz o modo mais acabado de autonomia. Se não é possível se autodeterminar como Deus, que institui as suas leis fora do tempo, é possível fazer do tempo o espelho de um único processo de autodeterminação. (2017, p. 298).

Kabengele Munanga (2005-06), antropólogo brasileiro congolês atuante do debate da população afro-brasileira, ao debater o aperfeiçoamento do humanismo, diz haver um atravessamento de duas tensões opostas: as noções de liberdade e igualdade. A primeira – humanismo essencialista – definiria o homem por uma identidade específica ou genérica onde define-se os valores universais e abstratos. Na contramão deste pensamento, aparece na Alemanha do século XVIII, em crítica à primeira formulação identitária, a ideia de que

(...) essa identidade é sempre diversificada, segundo os modos de existência ou de representação, as maneiras de pensar, de julgar, de sentir, próprias às comunidades culturais, de língua, de sexo, às quais pertencem os indivíduos e que são irreduzíveis às outras comunidades. (Idem, p. 48).

Para o antropólogo, é sob essa perspectiva que podemos falar em relativismo cultural, isto é, uma posição anticolonialista diante dos povos ditos “primitivos” colocando entre parênteses o saber da sociedade estudadas condenando assim o universalismo.

O problema apresentado pelos dois autores, embora em áreas distintas, é praticamente o mesmo, trata-se da relação entre conhecimento e racismo. Os dois tratam das mesmas questões, mas com perspectivas diferentes. Érico Andrade (2017) vê no Iluminismo as bases do etnocentrismo sendo sua face mais cruel o racismo. O motivo está na reificação da razão e na sua capacidade de converter a contingência dos padrões culturais a um padrão cultural próprio sob o crivo da racionalidade.

Munanga (2005-06) mostra a partir de estudos minuciosos no interior do continente africano, mais especificamente no norte da África, que haviam desigualdades raciais também ocorridas fora da Europa, portanto, não é exclusividade sua. Raça, em sua perspectiva, nomeia e diferencia fenotipicamente um problema anterior, todavia, o relativismo cultural nasce do mesmo projeto humanista que forjou o universalismo. Nesse sentido, o projeto iluminista como uma proposta humanista é antes de tudo, uma controvérsia. Não existe um consenso no que diz respeito a sua relação com o racismo. O que vemos são os autores concordarem que o iluminismo na sua trajetória humanista tropeçou nas armadilhas entre a igualdade e a liberdade, entre a universal e o diverso.

## ANÁLISE

O discurso com efeitos de verdade também se faz pela linguagem, pelo poder de domínio, possibilitador da exploração e da definição do outro. Eis o primeiro parágrafo do conto,

*Já não sei a que propósito é que isso vinha, mas o Senhor Professor disse um dia que as palmas das mãos dos pretos são mais claras do que o resto do corpo (...)*

E somente a percepção e o engenho infantil, por meio de uma ingênua comparação, foram capazes de levar essa investigação do outro sobre *os outros* até seu pobre limite, de que talvez esse outro – representado pela branquitude, pensamento europeu cristão – não entenda nada do outro, seja quem for, desde que não seja ele, assim como será visto no seu decorrer da estória.

O conto inicia-se pela curiosidade de um personagem que observa duas versões pra mesma estória. O professor e o padre diziam coisas diferentes no que concerne às mãos dos pretos serem brancas. Para o professor, símbolo e representante da instituição educação, aquela que tem na sua incumbência formar os sujeitos na sua dimensão ética, as mãos dos pretos eram claras “porque ainda há poucos séculos os avós deles andavam com elas apoiadas no chão, como os bichos do mato, sem as exporem ao sol, que lhes ia escurecendo o resto do corpo” (HONWANA, 2014, p. 101).

Diferentemente do argumento do padre, o qual disse que as mãos dos pretos eram mais claras porque eles andavam “às escondidas, andavam sempre de mãos postas, a rezar”. Como representante da instituição religiosa, em particular o catolicismo, vemos aqui a dimensão moral da resposta, uma dimensão apoiada nos valores religiosos.

Se do ponto de vista do professor faz sentido a reprodução do conhecimento científico, em particular da reprodução de um conhecimento que faz referência à classificação das espécies humanas dentro de uma escala evolutiva, sendo os pretos ainda assemelhado aos animais, para o padre a explicação vem na dimensão moral relacionada a culpa, ao pecado e a redenção divina no ato de rezar. Todavia, o revelador da fala do padre não está exatamente na sua concepção religiosa do porquê os pretos tinham as palmas das mãos caras, mas sim quando diz que “nós não prestávamos mesmo para nada e que até os pretos eram melhores do que nós” (Idem). Aqui o texto permite transcorrer o fato de que nem o padre e nem o menino são pretos retintos, e sim fruto da miscigenação decorrida do encontro sexual entre colonizadores e colonizados.

Para o menino, à princípio, “era um piadão essa coisa das mãos dos pretos serem mais claras” (Idem), todavia a curiosidade o instiga a persistir em outras respostas. Aparecem no conto, nesta ordem, os demais personagens: Dona Dores, dona de casa; Senhor Antunes da Coca-Cola, comerciante; Senhor Frias; um livro e; a Dona Estefânia. Para encerrar a questão, a mãe é que traz a última versão da pergunta, a qual ele diz que “é a única que deve ter razão sobre essa questão de as mãos de um preto serem mais claras do que o resto do corpo (Idem).

Para Dona Dores e Dona Estefânia, o motivo das mãos dos pretos serem mais claras que a do resto do corpo está associado à servidão e a higiene. Naturais para servir, as mãos dos pretos são mais brancas que o resto do corpo para servir com higiene, pois segundo Dona Dores “Deus fez-lhes as mãos assim mais claras para não sujarem a comida que fazem para os seus patrões ou qualquer outra coisa que lhes mandem fazer e que não deva ficar senão limpa” (Idem, 102). A associação de uma natureza

servil e/ou suja perpassa por meio dessas duas personagens. Especialmente no caso de Dona Dores, a negritude, condição divina, subordina as características raciais a um lugar subalterno e impuro. A condição natural é sua impureza, mas para que possa servir aos brancos, sinônimo de pureza e uma série de possíveis adjetivos que os qualificariam como tais.

O Senhor Antunes da Coca-Cola e o Senhor Frias também alegam razões divinas para a resposta do menino. Enquanto o Senhor Frias permanece na narrativa da impureza dos pretos – discurso que atravessa a maior parte dos argumentos assim como a justificativa divina – o Senhor Antunes da Coca-Cola parece elaborar melhor a estória. Ele fundamenta sua estória dizendo que

Antigamente, há muito anos, Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo, Virgem Maria, São Pedro, muitos outros santos, todos os anjos que nessa altura estavam no céu e algumas pessoas que tinham morrido e ido para o céu, fizeram uma reunião e resolveram fazer pretos. Sabes como? Pegaram em barro, enfiaram-no em moldes usados e para cozer o barro das criaturas levaram-nas para os fornos celestes; como tinham pressa e não houvesse lugar nenhum ao pé do brasido, penduraram-nas nas chaminés. Fumo, fumo, fumo e aí os tens escurinhos como carvões. E tu agora queres saber por que é que as mãos deles ficaram brancas? Pois então se eles tiveram de se agarrar enquanto o barro deles cozia?! (Idem)

Embora o conto nos mostre a estória do Senhor Antunes como uma espécie de anedota, ela, assim como as outras, figura-se também pelas mãos de Deus, mas como espécie secundária que explica muito mais o motivo de serem pretos – comparados aos brancos – que o branco da palma das mãos em relação ao resto do corpo.

O Senhor Antunes é um comerciante, alguém que circula por várias comunidades, não tem pertencimento local, “só aparece na vila de vez em quando, quando as cocacolas das cantinas já tenham sido todas vendidas” (Idem). Não parece ser atoa seu nome estar ligado a uma marca internacional e de domínio econômico. Todavia ele é um contador cômico de estórias, ao ponto de fazer “os outros Senhores que estavam à nossa volta desataram a rir, todos satisfeitos” (Idem). Talvez nos sugira que a colonização e o imperialismo econômico não ocorram necessariamente pela força, mas pelas sutilezas do prazer e da satisfação. Em alguma instância, nos remete as discussões entre infraestrutura – condição necessariamente econômica – e

superestruturas – condições ideológicas – presentes à época. Essa discussão, como veremos mais a frente, será textual em Alfredo Margarido.

Segundo o livro consultado “os pretos têm as mãos assim mais claras por viverem encurvados, sempre a apanhar o algodão branco de Virgínia e de mais não sei aonde” (Idem). A impressão que nos deixa é que o livro há uma naturalização da condição escravagista, isto é, o trecho refere-se explicitamente ao sistema escravagista no sul dos EUA. O branco das mãos é motivo do colhimento de algodão e isso merece ser explicado, mas por quê os negros encontram-se em sistema de escravidão não há resposta, cai numa espécie de silenciamento.

A narrativa da mãe parece ser a única satisfazer o menino. Pois, “é a única que deve ter razão sobre essa questão de as mãos de um preto serem mais claras do que o resto do corpo” (Idem). Aqui encontramos a chave de toda nossa análise. Embora encontremos nos diversos personagens, diferentes explicações e variadas estórias, todas elas guardam em comum um discurso de legitimação de subalternidade e impureza do preto. Além desse elo que une todas as estórias contadas, percebam que o menino interroga-se sobre *o por quê as mãos dos pretos são brancas?*, isto é, a pergunta parece sugerir uma comparação entre as partes do próprio corpo e não entre os diferentes corpos. Basta voltarmos a primeiro parágrafo quando o menino irá se interessar pela questão diante do professor. Mas no geral, as explicações acompanham comparações entre corpos racializados, o que permite um juízo de qualificação e a explicação da subalternidade do negro em relação ao branco.

Vale citar aqui os estudos feitos por Ramos; Magalhães, (2019) e Oliveira Neto, (2017). Ao discutirem a identidade negra a partir do conto, Ramos e Magalhães (2019) identificam no fio da investigação infantil que a resposta transcorre do mundo social para a comunidade, ou seja, o espelho da resposta que parece satisfazer o menino é a da mãe. Para as autoras, o conto “parte de uma visão macro, o professor, para uma visão micro, a mãe. Essa estruturação não acontece de maneira abrupta, ao contrário, é gradativo”. Podemos considerar, então, a comunidade o espelho da resposta mais sensata a qual o menino poderá se ver sem as distorções do mundo macro. Oliveira

Neto (2019) além identificar igualmente o desemboco das respostas no seio intrafamiliar, ele compreende que

No conto de Honwana, o narrador personagem encontra na fala da mãe o parâmetro cultural que detém a fonte de sua identidade: o ensinamento da igual dignidade entre os seres humanos, como a dizer que o negro não pode ser maltratado pelo fato de sua cor ser diversa dos brancos, porque “antes de qualquer outra coisa são homens”. E assim a mãe cogita o fato de Deus poder ter pensado desse modo e fez “com que as mãos dos pretos fossem iguais às mãos dos homens que dão graças a Deus por não serem pretos”. (2019, p 161)

E é nesse momento que inferimos aquilo que chamamos antes de radicalização e questionamento do humanismo europeu. Os dois pilares centrais – liberdade e igualdade – cultivados na modernidade ocidental e que, por sua vez, geram outra série de valores como uma natureza comum entre os seres humanos e a noção de identidade diversificada, são postas à prova nesse conto. Pois, se por um lado, é latente que a igualdade não resiste ao preconceito racial no discurso dos homens, o reconhecimento da diversidade imanente a cada grupo cultural é ignorado mediante a mesma classificação racial preconceituosa.

Ainda que servindo-se das justificativas religiosas, ainda que enfatizando um espaço de disputa entre Deus e os homens brancos, a mãe alega que Deus “arrependeu-se de os ter feito porque os outros homens se riam deles e levavam-nos para as casas deles para os pôr a servir como escravos ou pouco mais” (HONWANA, 2014, p 102), a resposta da mãe é quem efetivamente coloca os homens em condições de igualdade diante dos seus feitos. Isto é, retira-se a responsabilidade divina sobre os atos humanos e os coloca sobre o juízo humano. Proença (2016), que fez uma análise minuciosa do conto, define muito bem a questão argumentando que

A mãe opera uma sutileza metonímica: as mãos representam todo o corpo. Assim, como a mão opera o que fazemos, o arranjo social, a ordem criada é resultado das obras humanas. Essa avaliação é de fundamental importância porque invalida o argumento segundo o qual a escravidão é resultado da inferioridade do negro e o negro é inferior porque Deus assim quis. (2016, p 107)

Ao iniciarmos esse pequeno trabalho, afirmamos que o livro se insere como um lugar de luta, não se trata *apenas* de uma literatura interessada pela estética, isso porque a estética dimensiona as relações ética e política dos homens. Cabe lembrarmos novamente que o conjunto de contos tem sua publicação em 1964, ou seja, no período de luta anticolonial. Seria ingênuo de nossa parte considerar que o colonizador chegou com as boas intenções do progresso, quando em verdade, a colonização é um amálgama de fatores que permitiram o domínio, a exploração e a subalternização do outro. No interior da luta anticolonial é possível anotarmos também uma série de ideias que, por vezes, chocam-se umas com as outras.

## **CONCLUSÃO E DEBATE SOBRE O HUMANISMO EM TORNO DO CONCEITO DE NEGRITUDE E HUMANISMO**

As décadas que precedem a independência colonial em África são de intensos debates artísticos, políticos e culturais. Os discursos sobre uma identidade não necessariamente ocupam uma unidade entre os diferentes autores engajados na luta anticolonial. Alfredo Margarido, por exemplo, em *Negritude e Humanismo* (1964) constrói críticas acerca do termo Negritude, criado por Aimé de Césaire e Leopold Sedar Senghor, principalmente a Jean-Paul Sartre quando este escreve *Orfeu Negro* (1965), introdução à *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française* de Leopold Sedar Senghor de 1948.

Sartre, por sua vez, engaja-se na luta anticolonial consonante com os intelectuais africanos na França, denunciando, desse modo, as relações objetivas entre colonização e raça, “(...) por isso, uma consciência de raça centra-se sobretudo na alma negra, ou melhor, (...) em certa qualidade comum aos pensamentos e às condutas dos negros, que se chama à negritude. (Sartre, 1965, p. 95). Deste lugar, Sartre reconhece, como importante intelectual francês, a legitimidade do movimento iniciado Césaire e Senghor por uma identidade pan-africanista destoante das identidades classistas e nacionalistas europeias. O negro *nativo colonizado ou africano deportado* reconhece a si mesmo por sua história e condição diante da exploração capitalista sobre o homem negro pelo homem branco e sua consequente

desumanização. A poesia escrita por Leopold Sedar Senghor segue o caminho revolucionário, de pois busca anunciar a alma negra e “(...) chama seus irmãos de cor a tomarem consciência de si próprios (...). (Idem, p. 96) Portanto, o termo *negritude* é o reconhecimento de si diante do outro por meio de sua construção subjetiva e consciente de si.

Essa tomada de consciência de si por meio do termo *negritude* pelo homem preto é o que o humaniza, é a luta que o põe em igual com os outros homens, é a busca do homem preto por sua humanização diante do homem branco, pois para o próprio Sartre

Humanismo, porque recordamos ao homem que não existe outro legislador a não ser ele próprio e que é no desamparo que ele decidirá sobre si mesmo; e porque mostramos que não é voltando-se para si mesmo mas procurando sempre uma meta fora de si – determinada libertação, determinada realização particular – que o homem se realizará precisamente como ser humano. (1973, p. 47)

Por seu turno, Alfredo Margarido reconhece em Orfeu Negro “(...) possibilidades de sistematização aos dados até então dispersos pelas obras daqueles pensadores e de outros escritores negros, crioulos e malgaches de expressão francesa. (1964, p. 5), contudo, acusa Sartre de racismo *anti-racista*. A distinção entre o homem branco e o homem negro o qual Margarido considera um mal-entendido, pois, a relação entre superestrutura onde poder econômico e político são indissociáveis e cor justificaria o domínio branco sobre os territórios colonizados. Assim, Margarido acusa Sartre de refugiar-se aos domínios metafísicos (1964). Margarido toma como exemplo a guerra argelina de independência de 1962, argumenta que é a tomada de consciência da cor e as condições objetivas da vida na sua totalidade são os fatores que permitem tal revolução. Nesse sentido, Margarido alega que

Ao tomar consciência da exploração a que está sujeito, o homem negro coloca-se dentro do plano do humanismo negro. E este não é apenas um facto da cor da pele, mas sim a aliança do conhecimento desta cor da pele com o conhecimento das circunstâncias práticas da vida que constituem a práxis. (Idem, p. 20)

Honwana parece não estar alheio ao debate, em seu conto, para além de radicalizar o humanismo constituído no ocidente aproximando-se de um humanismo local, como

resultado, questionando-o. Primeiro, radicaliza em seu conto quando, diferentemente da diversidade discursiva que se expõe com os múltiplos personagens onde todas as falas convergem para a inferiorização do outro, a fala da mãe sobre as mãos entendido aqui como sutil metonímia da igualdade é aquele que de fato se aproxima da verdadeira humanização do sujeito, isto é, o discurso ocidental de humanização é levado até seu limite e, ao mesmo tempo, mostra que o discurso local é mais libertador que o discurso do outro.

É um discurso de igualdade impelido pela consciência e juízo moral, mas que não desconhece a alteridade, pois não o acusa, não subjuga, não buscar dominar. O discurso do outro, embora aparentemente moderno – seja religioso ou científico – é aprisionador, é colonizador, pois subjuga e inferioriza de acordo com critérios raciais.

Conseqüentemente Honwana questiona ao perguntar-se se, decerto, o discurso humanismo e, portanto, universalista é libertador a medida em que a única resposta que satisfaz é encontrada no seio familiar, isto é, local e não na sociedade. Voltamos então a tensão posta nas primeiras páginas deste texto. Qual a potencialidade e os limites do humanismo? É possível que o humanismo seja universal e particular na mesma medida? A condição histórica e social do autor permite que o texto ultrapasse as questões estéticas da literatura, impõe uma contribuição e reflexão de luta política inserida no debate humanista da época.

## Referências

- CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Livraria Sá de Costa, Lisboa, 1978.
- MARGARIDO, Alfredo. *Negritude e Humanismo*. Casa dos Estudantes do Império, Lisboa, 1964.
- MUNANGA, Kabengele. *Algumas considerações sobre "raça", ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos*. Revista usp, n. 68, p. 46-57, 2006.
- HONWANA, Luís Bernardo. *As Mãos dos Pretos*, In. Nós Matamos o Cão Tinhoso, 1ª Edição, Alcance Editores, 2014.
- OLIVEIRA NETO, Euclides Lins de. *A identidade e o espaço antropológico em "O Patinho feio" e em "As mãos dos pretos"*. Comparativismo Contemporâneo, p. 153.
- ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, 1948. Disponível em

[https://www.ohchr.org/sites/default/files/UDHR/Documents/UDHR\\_Translations/por.pdf](https://www.ohchr.org/sites/default/files/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf) Acesso em: 30 ago 2022.

PICO, Giovanni. *Discurso pela dignidade do homem* [recurso eletrônico] / Giovanni Pico [tradução, organização, introdução e notas Antonio A. Minghetti] Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2015.

PROENÇA, Paulo Sérgio de. *Análise do conto “As mãos dos pretos”, de Bernardo Honwana, em perspectiva descolonizadora*. Literartes, n. 5, p. 100-119, 2016.

RAMOS, Celiomar Porfirio. *A busca do eu a partir do outro: considerações acerca da identidade africana no conto as mãos dos pretos de Bernardo Honwana*. Revista Alembra, v. 1, n. 2, 2019.

SARTRE, Jean-Paul. *O Existencialismo é um Humanismo*. Os Pensadores- V. 45. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

\_\_\_\_\_. *Orfeu Negro* in Reflexões sobre o racismo. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.

TRAUMANN, Andrew Patrick; MENDES, Fernanda Celli Correa. *A partilha da África e o holocausto que o mundo não reconheceu*. Relações Internacionais no mundo atual, v. 1, n. 18, p. 253-274, 2015.

WEYNE, Bruno Cunha. *A contribuição do humanismo renascentista para a construção da ideia de dignidade humana*. Revista de Estudos de Religião/PLURA, Journal for the Study of Religion, v. 4, n. 1, p. 213-225.